

Propostas Assertivas de Comunicação para a Transformação Social¹

Ingrid Gomes Bassi, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará²

Resumo:

O texto reflete sobre as propostas de agir dialógico em processos comunicativos da atualidade, a partir de práticas e processos comunicacionais que envolvam a transformação social para a cidadania. Para exemplificar essas propostas o artigo analisa brevemente o Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples. O Projeto Walk and Talk é composto por Luah Galvão e Danilo Espanha, começou com um sonho, por ambos, de dar a volta ao mundo. O primeiro Projeto da dupla se estendeu por dois anos em 28 países e 5 continentes, conversando com as pessoas das mais variadas etnias, procurando respostas sobre - o que as motivam? No segundo Projeto resolveram caminhar pela famosa trilha de Compostela, na Espanha, em 60 dias, perguntando sobre histórias de superação. No terceiro e último projeto, a “Expedição Perú”, teve a resiliência como tema das histórias reportadas. Os protagonistas do Walk and Talk realizam palestras, conversas, encontros, seminários, workshops e outros como meios de trazer a público a coletânea de experiência e sabedoria das viagens. Iniciaram os resgates das memórias locais por onde passaram desde 2011.

Passando para a revista Vida Simples, ela era publicada pela Editora Caras e, agora, pelos novos proprietários, Luciana Pianaro e Eugenio Mussak, desde 2018. A Vida Simples nasceu como exemplar especial da Revista Superinteressante, e está no mercado editorial independentemente da Super há 15 anos. Segundo a página no facebook a Vida Simples “é uma revista mensal sobre estilo de vida, sociedades melhores e relações mais ética”. Traz mensalmente assuntos pró-meio ambiente, consumir menos, retorno a laços afetivos, valores coletivos de sociabilidade, autoconhecimento profundo, práticas alternativas de medicina e comportamento, incentivo à cooperação e ocupação dos espaços socialmente, além de reflexões positivas em como lidar com os processos cíclicos e de mudança contínua, como trabalho, profissão, vida pessoal, emocional entre outros.

¹ Artigo apresentado ao 1º Congresso Ibero-americano sobre Ecologia dos Meios – Da aldeia global à mobilidade.

² Pós-doutora em Comunicação Social, na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), desenvolveu a pesquisa: Propostas de emancipação cidadã; Experiências do agir local e social a partir das memórias autobiográficas de Gandhi, Luther King Jr. e Mandela, supervisionada pela pesquisadora Círcia K. Peruzzo. Doutorou-se em Processos Comunicacionais, pela Umesp, com ênfase em Comunicação e Alteridade. Estudou as representações do Muçulmano nos Jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, dez anos após os atentados do World Trade Center nos EUA. Mestre pela mesma instituição superior, estudou as representações do candidato Lula pelas revistas CartaCapital, Veja e Primeira Leitura em 2002. Especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Jornalista pela Universidade Metodista de Piracicaba. Atualmente é Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no curso de Jornalismo. Coordena os Projetos de Pesquisa: Para além da crítica. Estudo sobre comunicações contemporâneas na interface com as novas exigências de alteridade para sociedades complexas; Observatório I: Mapeamento dos meios de comunicação de Rondon do Pará e Marabá. Membro do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Cidadania - COMUNI e do Grupo AlterMídia - Estudos sobre Mídia e Alteridade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6501-3721>. Contato: ingridgomessp@yahoo.com.br; ingrid.bassi@unifesspa.edu.br.

Para o artigo trata-se de pesquisa bibliográfica fundamentada em Ida Regina Stumpf (2015) e entrevista estruturada (Duarte, 2015) com os representantes das organizações estudadas.

A revisão de literatura fundamenta-se nos conceitos de ser e amor do filósofo Erich Fromm (1956; 1976; 1977), em cooperação e dialogia do sociólogo Richard Sennett (2014), em comunicação pós-violência na era do consumo e comunidade gerativa como alternativa, da comunicóloga Raquel Paiva (2008), em direito à comunicação e empoderamento da também comunicóloga Cicilia K. Peruzzo (2013) e em historicidade da “crise” atual como permanente e estrategicamente construída dos sociólogos Carlo Bordoni e Zygmunt Bauman (2016). A partir desta recuperação conceitual e histórica verificou-se no Projeto Walk and Talk e na revista Vida Simples características culturais de desenvolvimento comunicativo conectadas ao paradigma de mudança contínua das formas sociais de convivência e interação, bem como motivação de pautas e agendamentos ligados ao respeito às variedades de crenças e proposição dialógica no viver em coletivo. Detectou-se novos formatos em compreender o processo de mídia, assim como foram diagnosticadas inovações e fronteiras significativas nesse espaço de troca de conhecimento e interação. Também se verificou a ampliação da esfera de direitos humanos, em especial na apropriação do sentido gerativo, para impressão das habilidades individuais e importância do reconhecimento dos sujeitos na gestão dessas propostas.

Conclui-se que no contexto atual, contínuo de insatisfações e mudanças sociais, a cidadania ganha potencialidade em direitos humanos ligados a ideia de liberdade de diferença, seja de crenças como de abertura a comunicações e valorização das habilidades individuais. O Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples trazem a cidadania como diálogo permanente de comunicação, desenvolvendo em suas produções a importância da sociabilidade e do coabitar dialogicamente.

Palavras-chave: Coletivo; Dialogia; Propostas de Comunicação; Transformação social.

Introdução

Estamos num contexto em que compete compreender os processos comunicacionais a partir de perspectivas fronteiriças e de inovação. Fronteiras ora salientes, ora diluídas e, essencialmente, numa atmosfera histórica contínua de mudança. Novidades no sentido de gerar formas e propostas autônomas e coletivas de participação social nos processos de comunicar, produzir conhecimento e reflexões culturais; e, paralelamente, entraves em determinados espaços e setores sociais. Nestes as fronteiras ora se perpetuam sejam pela geografia ou economia, ora são afrouxadas pelas dinâmicas culturais de empoderamento econômico e político. A questão imperial nesse enredo é a não demarcação de finitude para o fluxo temporal de mudança em que as sociedades alicerçam as relações sociais.

Com isso propusemos trazer de forma resumida o contexto histórico de mudança frequente, as características e valores os quais as mediações podem apresentar como propostas de sociabilidade para esta esfera cambiante, e a recuperação dos processos comunicativos com os exemplos do Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples.

Para isso definimos o uso da pesquisa bibliografia e da entrevista com os representantes do projeto e da revista, como suportes metodológicos.

A pesquisa bibliográfica como método colabora na formação de leituras sobre o tema estudado para este artigo, por ter caráter investigativo e bibliográfico (Stumpf, 2006, p.51). Como método de pesquisa, a pesquisa bibliográfica padroniza procedimentos para facilitar a realização dos estudos científicos. Primeiramente, iniciamos pela identificação do tema e assuntos que o cercam, para melhor delimitar a busca por leituras e complementos histórico-teóricos (Stumpf, 2006, p.56-8). Além do uso bibliográfico, angariamos pesquisa e entrevistas com representantes do Projeto Walk and Talk e da revista Visa Simples, pois verificamos na pré-análise que ambos desenvolvem conteúdo informativo a partir de características reflexivas sobre o coletivo, a comunidade e o indivíduo em intersecção com práticas cooperativas e convivência dialógica.

Desenvolveu-se três questões centrais: Como se definem?; se observam-se como espaço de troca de conhecimento a partir de perspectivas dialógicas e de bem-estar coletivo?; Como entendem a cidadania no seu conteúdo? Foram perguntas abertas, com questões centrais na expectativa de respostas indeterminadas. O roteiro com as perguntas foi enviado por email, especialmente para este texto.

A pesquisa qualitativa utiliza-se de questões abertas, podendo utilizar-se de roteiro prévio, esperando argumentos nas repostas não medidos, como foi a definição deste breve roteiro de questões para o presente artigo. A finalidade do uso de entrevistas e questionário qualitativo (Duarte, 2015, p.65) foi para compreender na visão dos produtores da revista e dos organizadores do Projeto os pressupostos de dialogia e cidadania que desempenham.

1. Especulação do “estado de crise” e as mediações

Os sociólogos Carlo Bordoni e Zygmunt Bauman, na obra “Estado de crise” (2016), trazem a ideia de que o entendimento de crise econômica, popularizada nos últimos anos por parte majoritária dos meios de comunicação e outros autores, é uma construção social nada inocente, como costuma ser os engendramentos sociais na história, identificados por Edward Said (2007), Noam Chomsky (2005) e Robert Fisk (2010) como “palavras e expressões de poder”.

Nesse sentido essas expressões de poder significam, e como ressaltam os sociólogos citados, - A quem significam? E quais são as repercussões desse significado de que a crise teve um início e terá um fim? Essas ordens de significação esclarecem.

Para Bordoni (2016, p.15-20) a crise instalada é permanente e se comporta como uma “doença degenerativa”, ao contrário de algo passageiro. Os Estados e governos (macro e micro), diante esse estado de crise, não possuem organicidade política autônoma de enfrentamento real sobre as leis regentes do mercado financeiro, o qual segue extrafronteira, como um não-espaço.

De expressão de poder (“crise”), problemas reais permanentes (política não funcional e sociedades à deriva do capital financeiro), ao fluxo financeiro autônomo das estruturas políticas as quais nos davam minimamente estabilidade, ressignificam as relações sociais mediadas por comunicações. Para isso é importante compreender também como se deslocam os sujeitos no processo de mediação da cultura pelos meios de se comunicar, agora, centralmente à luz do mercado.

A pesquisadora em Comunicação, Raquel Paiva (2005) explica que o sujeito contemporâneo estabelece formas de conviver com o mundo a partir de paradigmas que envolvem mediações, desta acepção encontram-se normas, regras, costumes e padrões de relacionamento com o outro. “Emergem, nesse novo contexto, novas formas sociais, novos e distintos formatos de relacionamento do indivíduo com o mundo, com as coisas do mundo e principalmente com o outro” (Paiva, 2005, p.15). Nesse sentido problematiza a necessidade social de pensar um novo mapa das relações sociais, em que contemple as estruturas latentes as quais são responsáveis pelas mediações sociais. (Paiva, 2005, p.16). Dentre essas principais estruturas, Paiva aproxima a mídia como a essencial, a qual regula a relação do indivíduo com o mundo e seu entorno (Paiva, 2005, p.16).

Avança, pontua a atividade norteadora da mídia como baseada nos bens de consumo, e em decorrência disso os grupos sociais, movimentos e, mesmo, comunidades têm se organizado enquanto propostas mediadas neste contexto cultural via formato pré-estabelecido. Nessa tese há duas problemáticas mais importantes para o presente texto, se as mediações sociais são majoritariamente pautas pela mídia que é um projeto de consumo e para o consumo em sociedade, as relações sociais de contato são gerenciadas por essa ordem de mercadoria, assim como na segunda questão, as representações na mídia veiculadas devem ser vitrines dessa mesma lógica de aquisição. No que se refere a singularidades dos processos afirmativos do sujeito, enquanto seres criativos, gerativos e autônomos, posto à essa lógica, dificulta-se a aceitação do que é, para o que deve ser. Dando continuidade as mediações atuais, Paiva esclarece como se articula a seleção dos sujeitos em relação aos bens de consumo e suas aproximações à mídia:

Pode-se conjugar, ato contínuo, mídia e consumo. E de fato a nova ordem cada vez mais privilegia um número diminuto de povos e indivíduos, capazes de experimentar continuamente todas as novas proposições midiáticas, e coloca de lado um número cada vez maior de indivíduos e populações excluídas dos procedimentos velozes dos bens de consumo.

Esse horizonte da contemporaneidade em que se perfilam, de maneira cada vez mais delimitada, dois distintos grupos, produz uma nova forma social, regulada pela violência e crueldade. (Paiva, 2005, p.16)

Além dessa compreensão de competir e de violência ao gerar exclusão ao consumo de bens simbólicos, a produção da mídia repercute formatos descritivos, espetaculares do cotidiano, por vezes, no uso contínuo de substituição de imagens, o que Paiva chama de “aparição midiática”. Essa forma de desenvolver informação, fragmentada, objetiva e descritiva tende a sintonizar as relações sociais a interações efêmeras e distantes no sentido de atuar afetivamente, em especial porque a tônica é competir e a violência gerada em ambos os grupos, que se incluem comprando ou o outro não consumindo, já são protagonistas da cena contemporânea de insegurança social, irritação generalizada e descrença no respeito.

Como proposições alternativas, Paiva pontua a ideia de Comunidade gerativa, aquela capaz de aglutinar sujeitos com valores do bem comum para práticas coletivas de convivência. “Aquela experiência capaz de tirar do torpor os sujeitos envolvidos em projetos individuais e inseri-los em práticas capazes de fazer frente ao esfalecimento do social”. (Paiva, 2005, p.21)

Portanto o conceito gerativo diz respeito ao olhar harmônico para com o contexto social e histórico, trazendo luz criativa às relações sociais marcadas pela política do mercado.

Trata-se, portanto, de uma reinterpretação do conceito tradicional da ideia de comunidade, com base no estatuto do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, resgatando facetas como a vinculação social e a preocupação territorial, que engendram a preocupação com o patrimônio cultural. Estão ainda presentes nessa proposta aspectos próprios da sociabilidade que parecem ter perdido o sentido na nova era, mas passam a ser o enfoque central, como cooperação, solidariedade, tolerância, fraternidade, docilidade, amizade, generosidade e caridade. (Paiva, 2005, p.21-22)

2. Para além das fronteiras e inovações

Uma das fronteiras pode ser conceituada como “questão de entendimento pré-realizado” sobre os outros, que nos rodeiam em algum momento da nossa vida cotidiana, seja por mediação virtual ou por outras formas de interações; ou seja, ancora as presenças significadas de juízo de valor. Especialmente os meios de reprodução e produção de informação, como os meios de comunicação, historicamente, alicerçam propostas de entendimento polarizado, divididos, o “eu” e o “ele”, o “nós” e o “eles”.

Fato que se vê majoritariamente nos veículos nacionais e internacionais sobre a forma como contextualizam, por exemplo, o muçulmano, e o próprio Oriente Médio, como cultura. Tanto na tese *Covering Islam* (2007b) como na obra *Orientalismo* (2007a), o historiador Edward Said problematiza as diferenças claras entre fundamentalistas, terroristas e muçulmanos. Há menos de

1% de fundamentalistas e desta percentagem menos ainda de terroristas do corpo total de muçulmanos no mundo.

Além do desvio de conceituação das tipificações à cima, há a algumas décadas, para trazer um recorte mais contemporâneo, a formação da religião muçulmana pelos meios de comunicação e suas esferas co-relacionadas como: anticivilizados, arcaicos e radicais. Dito isso, a história que se reconstrói, no caso exemplificado do Islã, é um processo de tribalização, e as feridas dessa herança tem sido a vitória de comunidades terroristas, cada vez mais incorporando adeptos.

Para o sociólogo Richard Sennett o tribalismo “[...] une solidariedade com aqueles que se parecem e agressão aos que são diferentes”. Em sociedades complexas como a nossa tribalizar tamanha diferença cultural reduz as singularidades e delimita as fronteiras pessoais de convivência. (Sennett, 2012, p.14) Nesse prognóstico traz a construção dos outros e a potencialidade de neutralizar toda a diferença. Parte advinda da própria relação social com a economia de mercado e a desigualdade histórica. “Um dos resultados é o enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantém teimosamente Outros”. (2012, p.19)

Outra fronteira ainda expressiva é a problemática do empoderamento dos bens simbólicos culturais de emancipação para o bem-estar de vida, como o usufruto de linguagem, idiomas, educação formal, e outras formas de interação com a cultura prática, como ida a teatros, cinemas, aquisição de livros, cursos e outros suportes tecnológicos.

A comunicóloga Cicilia K. Peruzzo inclui a atividade comunicativa, propriamente do direito à comunicação como parte dos direitos humanos (2009; 2013). Fundamenta a importância da comunicação como prática que pode emancipar o ser, dando-o possibilidades de conhecer mais profundamente seus próprios direitos em sociedade. “[...] a comunicação pode contribuir nos processos de conhecimento, organização e ação com vistas a assegurar o cumprimento de todos os direitos humanos”. (2013, p.169)

Além da falta de meios culturais de empoderamento do sujeito há outros itens limitadores. Como a presença da fronteira física, geográfica, de significado de residir em determinada cidade, num Estado X, país Y, do continente W. A representação de governo, a facilitação do transporte, o valor da moeda, se há guerras civis ou outras. E a questão da fronteira social, em especial das características do trabalho e profissão, se esse contexto proporciona momentos recreativos, esportivos, tempo para troca de conhecimento e afeto em família, por exemplo.

As fronteiras mudam e são potencializadas dependendo das estruturas sociais cambiantes. As inovações também podem se apresentar por perspectivas relacionais.

Obtivemos inovações significativas nas últimas décadas no setor tecnológico, assim como foi depositado recurso financeiro expressivo nesse setor. Investiu-se em áreas de retorno prático do cotidiano, em especial nos bens materiais de consumo, entretanto não houve de forma equilibrada

incentivo financeiro para outras áreas do conhecimento tais como áreas humanas e sociais. Esse privilégio de investimento deixou de construir e ampliar um terreno maduro e desenvolvido de seguimentos representativos de aquisição informacional de empoderamento. A internet como meio de conhecimento pode servir apenas de exposição de fotos *selfies* nas redes sociais digitais, por exemplo. As brechas das inovações tecnológicas e mesmo de mídias poderiam ser mais aproveitadas com uma educação tecnológica conectada com às áreas humanas e sociais de aprendizagem.

A partir dessa reflexão o filósofo Erich Fromm (1976) para explicar sobre construir o amor e o modo ser do homem, recupera a vivência social excessivamente atrelada aos processos para captação dos bens materiais, ligados ao sistema capitalista. Nessa visão de amor, o autor traz o problema histórico do homem atual, das suas relações sociais com o trabalho capitalista que o afasta de ser amor. Essencialmente por distanciá-lo de “seus desejos humanos mais fundamentais, da aspiração de transcendência e unidade”. (1956, p.67) Em “A Arte de Amar”, então, Fromm contempla o vazio do amor na atitude amorosa humana em si e no homem em sua vida em sociedade. Para esta tese explica que,

A sociedade capitalista baseia-se no princípio da liberdade política, de um lado e, do outro, no do mercado como o regulador de todas as relações econômicas e, portanto, sociais. O mercado das utilidades determina as condições sob que os artigos se trocam; o mercado de trabalho regula a aquisição e a venda do trabalho. Tanto as coisas úteis, *como a energia e a capacidade humanas úteis*, [grifo nosso] são transformadas em artigos que são trocados, sem o uso da força e sem fraude, sob as condições do mercado. (Fromm, 1956, p.65)

Ou seja, “energia” e “capacidade humanas” só terão reconhecimento social se tiver procura de mercado, o resultado do trabalho – produto ou serviço – é mais importante que o valor humano. “[...] As coisas acumuladas que são mortas, têm valor superior ao trabalho, às forças humanas, àquilo que é vivo” (1956, p.65). O que esperar da reflexão deste homem contemporâneo sobre suas práticas de ser? De sentir de forma autônoma? De preferir a passividade do inanimado, do morto, ao ativo, vivo, pulsante no seu processo criativo? “O homem moderno é alienado de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza”. (1956, p.67)

“Nosso caráter é engrenado para trocar e receber, para transacionar e consumir tudo, os objetos espirituais como os materiais, torna-se objeto de trocar e de consumo”. (Fromm, 1956, p.67). Para tanto, Fromm finaliza: o amor contemporâneo no “modo ter”, aquele como objeto volta a ter ressonância. O imaginário social nessa versão de não incorporar à capacidade humana de amar, verdadeiramente, traz o valor social das relações sociais como de troca, de aquisição.

Mas a “Revolução da Esperança” (1977) completa o sentido da humanidade recuperar o “modo ser”, transcendendo as práticas de desvalorização das energias do homem, e reconectando-o ao amor, à prática criativa, ativa e de protagonismo coletivo.

Contudo, há atualmente propostas, espaços, encontros, plataformas, veículos que têm aproximado esse pensar empoderado, mais autônomo, das consequências sociais com o coletivo, com base em valores humanos de convivência e sociabilidade que permitam práticas e processos de autogestão e recuperação de laços afetivos de pertencimento tão importantes e caros para o viver contemporâneo.

3. Walk and Talk e Vida Simples: conectando conhecimento e diálogo

O Projeto Walk and Talk³ é composto por Luah Galvão e Danilo España, começou com um sonho, por ambos, de dar a volta ao mundo. O primeiro Projeto da dupla se estendeu por dois anos em 28 países e 5 continentes, conversando com as pessoas das mais variadas etnias, procurando respostas sobre - o que as motivam? No segundo Projeto resolveram caminhar pela famosa trilha de Compostela, na Espanha, em 60 dias, perguntando sobre histórias de superação. No terceiro e último projeto, a “Expedição Perú”, teve a resiliência como tema das histórias reportadas.

Os protagonistas do Walk and Talk realizam palestras, conversas, encontros, seminários, workshops e outros como meios de trazer a público a coletânea de experiência e sabedoria das viagens. Iniciaram os resgates das memórias locais por onde passaram desde 2011.

O impulso inspirador do Walk and Talk veio da Grécia antiga, da “Civilização Helênica e todo o conhecimento da Paidéia, que era um ‘modelo de educação’ baseado em valores para a formação do caráter, inspirado nos mitos como exemplos comportamentais e no desenvolvimento de talentos individuais em prol da sociedade”. (Walk and Talk, 2016)

O Projeto acredita que todo conhecimento advém de processos de trocas:

Seja através da troca de informação, observação de exemplos, mesclas culturais, etc. Em nosso projeto, essas trocas acontecem de três maneiras:
1º ao vivo com as pessoas que encontramos/entrevistamos durante as viagens.
2º virtualmente postando histórias nas redes sociais e em nosso site.
3º ao vivo em palestras, workshops, etc falando sobre nossas experiências com a tentativa de promover inspiração e propondo atividades que aproximem as pessoas de seus talentos. (Walk and Talk, 2016)

Além disso, os organizadores do Projeto compreendem que a cidadania faz parte da abertura de consciência e entendimento cultural que suas experiências provocam e refletem em seus interlocutores.

Ressaltar a dignidade de pessoas de qualquer cultura, classe social, raça ou credo e incentivar a busca de seus talentos é o que consideramos a parte de cidadania do projeto. Acreditamos que se cada um encontrar aquilo que nasceu para fazer, teremos pessoas mais

³ Disponível em: <http://www.walkandtalk.com.br/>; acessado em: 04/02/2019.

responsáveis, mais motivadas, mais saudáveis e mais úteis socialmente, elevando assim a consciência geral sobre a cidadania. (Walk and Talk, 2016)

A importância em se conhecer profundamente e aplicar suas habilidades pessoais e motivadoras no agir coletivo propõem sujeitos além de mais autônomos, conectados a valores sociais criativos e construtivos do viver em sociedade. Como descreve Raquel Paiva (2005, p.21-22) a ideia de comunidade gerativa é oportunizar no seu tempo e espaço propostas harmônicas de sociabilidade, e se entendendo enquanto sujeito nesta articulação social pode indicar saídas mais inteligentes e bem-sucedidas ao social. O Projeto Walk and Talk ao se basear no resgate das memórias sociais e coletivas e se preocupar nessas exposições favorece seu público no caminho dialógico sobre o todo encontrando-se individualmente.

Outra questão singular do Projeto são as informações sobre suas viagens, há muitos veículos de comunicação e programações a respeito de viagens, contudo a inserção dos representantes nos espaços de trocas com os outros sujeitos das histórias, vivenciando o indeterminado, com apenas o tema em mente, enquadra o formato do projeto como construtivamente cambiante, logo, a expectativa é compreender o outro no diálogo.

Passando para a revista Vida Simples, ela é publicada pelos novos proprietários, Luciana Pianaro e Eugenio Mussak, desde 2018. (Vida Simples, 2019) Anteriormente era da empresa Editora Caras e de propriedade intelectual da Editora abril, na época líder em revistas customizadas no País. A Vida Simples nasceu como exemplar especial da Revista Superinteressante, e está no mercado editorial independentemente da Super há 15 anos. Segundo a página no facebook a Vida Simples “é uma revista mensal sobre estilo de vida, sociedades melhores e relações mais ética”⁴.

Traz mensalmente assuntos pró-meio ambiente, consumir menos, retorno a laços afetivos, valores coletivos de sociabilidade, autoconhecimento profundo, práticas alternativas de medicina e comportamento, incentivo à cooperação e ocupação dos espaços socialmente, além de reflexões positivas em como lidar com os processos cíclicos e de mudança contínua, como trabalho, profissão, vida pessoal, emocional entre outros.

Para a editora da revista, Ana Holanda, a Vida Simples “é uma publicação feita para pessoas (não gostamos de definir por gêneros ou idade) que estão em busca que faça mais sentido, mas verdadeira e que as ajude a viver em sintonia com elas mesmas e com o meio ao redor”. Sobre a questão da linha reflexiva da revista, se observam-se como espaço de troca de conhecimento a partir de perspectivas dialógicas e de bem-estar coletivo, a editora explica:

A publicação sempre dá voz aos pequenos projetos, que dificilmente têm espaço em outras mídias. E isso serve como inspiração para outras pessoas, além de ajudar a abrir o horizonte do leitor e apresentá-lo a uma multiplicidade de olhares. Pode ser o projeto de um pequeno grupo que planta orquídeas ao longo das margens do rio pinheiros ou tietê, em São Paulo; de

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/revistavidasimples/?fref=ts>; acessado em: 04/02/2019.

uma comunidade que incentiva o plantio de hortas coletivas e assim por diante. (Holanda, 2016)

Na oportunidade de trazer temas comunitários, de grupos e sobre localidades com atividades singulares, Ana Holanda pontua que a cidadania permeia as várias matérias da revista. “Nas reportagens incentivamos o convívio na cidade, a valorização dos espaços públicos (e a apropriação dos mesmos), a valorização da convivência coletiva em detrimento da individual. É o incentivo para que as pessoas caminhem mais, observem o entorno, convivam com o outro em um ambiente de respeito mútuo”. (Holanda, 2016)

Com a temática central da revista para a abertura sobre desenvolvimento humano integral (corpo, mente e coletivo) propõe o diálogo da troca de conhecimento a partir de uma matriz referencial de bem-estar coletivo. Neste diálogo a busca por consumir menos, a importância do meio-ambiente, o respeito em manter as trocas no coletivo, desde espaços à diferença de crenças, e a nobreza das atitudes individuais para o bem-estar em sociedade colaboram na autenticidade de uma educação colaborativa, com mais docilidade à vida.

As práticas cidadãs são formadas com educação voltada para a cidadania. Pensar nos processos comunicativos alinhados com conhecimentos plurais, preocupados com narrativas inclusivas sobre o coletivo, contribuem ao redirecionamento de práticas dicotômicas e competidoras à reflexões e ações positivas de sociabilidade.

Considerações finais

Vivemos em um processo de mudança planetária contínua, para além da “crise” conceituada e alertada por Bordoni e Bauman (2016) como algo permanente e extrafronteiras da política e órgãos institucionais da esfera política, estamos ecologicamente em transmutação. Sujeitos que ressignificaram a perspectiva catastrófica de “crise” têm desenvolvido propostas de sociabilidade à luz da cooperação e integração pelos laços sociais locais e também virtuais, com apoio de outros tantos sujeitos que se identificaram com essas propostas e valores via redes sociais, redes sociais digitais, plataformas de financiamento coletivo e troca de tempo e habilidades de conhecimento.

O Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples são resumos expressivos de mudanças conjecturais nos processos comunicativos na atualidade.

Para o contexto contemporâneo em estado permanente de mudança, as três temáticas do projeto, inicialmente em 2011 com “motivação”, depois 2014 com “superação”, e o mais recente “resiliência”, demarcam elementos da esfera do sensível que destoam dos valores comuns da lógica mercantil. Refletir sobre nós e nossa integração em sociedade pode permitir sujeitos mais próximos em inovar extrafronteiras.

A Vida Simples em diferenciar-se na ótica das relações sociais, observando práticas positivas de convivências coletivas em sociedades complexas e hipermediadas como a nossa, indicam fatores necessários e audaciosos para a existência social. A inclusão de temas ligados à ética, à saúde mental e à educação em coletivo também edificam a proposta da revista a públicos mais participativos socialmente e próximos de características da sociabilidade, e a presença importante de tantos Outros.

Contudo, para pensar a comunicação como processo devemos inter-relacioná-la na conjuntura socioeconômica e cultural da atualidade, e como proposta alinhada à cidadania é necessário captá-la como ferramenta voltada às práticas plurais de conhecimento e validar os exemplos que ganham maturidade e público, para as atitudes criativas do agir social, coletivo.

Como características próprias dos direitos humanos, essas propostas de processos comunicativos dependem também dos princípios de igualdade e de liberdade. Igualdade no acesso dos indivíduos à comunicação, aos meios de informação, e liberdade no manuseio e apropriação desses canais de comunicar. “A qualidade da cidadania se realiza não apenas pela oportunidade de participação na comunicação, mas essencialmente porque ela potencializa a ação cidadã na busca da ampliação dos demais direitos”. (Peruzzo, 2009, p.42)

A experiência cidadã de agir a partir dos direitos humanos de forma plena, apropriando-se dos instrumentos do direito à comunicação, contribuem na formação em sociedade do conhecimento sobre amor, ser, coletivo e sociabilidade. Práticas conectadas à esperança motivam ações criativas e colaboram na identificação em si das capacidades humanas como valor fundamental para as novas e atuais relações sociais.

Referências

- Bauman, Z. & Bordoní, C. (2016). *Estado de crise* (Aguiar, R., Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In: Duarte, J. & Barros, A. Orgs. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. (2 ed). São Paulo: Atlas.
- Fromm, E. (1956). *A Arte de Amar*. (Amado, M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Fromm, E. (1976). *Ter ou ser?* (Caixeiro, N.C., Trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Fromm, E. (1977). *A Revolução da Esperança: Por uma Tecnologia Humanizada*. (Jorge, E., Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Paiva, R. (2005). Mídia e política de minorias. In: Paiva, R. & Barbalho, A. (Org.). *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus.
- Peruzzo, C.M.K. (2009). Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. *Revista Fronteiras*. São Leopoldo: Unisinos, v.11, n.1, p.33-43. Recuperado em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5039>.

Peruzzo, C.M.K. (2013). Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. *Revista Contemporânea, comunicação e cultura*. Bahia: UFBA/POSCOM, v.11, n.1, p.138-158. Recuperado em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980>.

Sennett, R. (2012). *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record.

Stumpf, I. R. (2006). Pesquisa Bibliográfica. In: Duarte, J. & Barros, A. Orgs. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas.

Vida Simples. (2019, fevereiro 04.). Recuperado em: <https://www.facebook.com/revistavidasimples/?fref=ts>.

Vida Simples. (2019, fevereiro 04.). Recuperado em: <https://vidasimples.co/quem-somos/>.

Walk and Talk. (2019, fevereiro 04.). Recuperado em: <http://www.walkandtalk.com.br/>.